

Livro de Sônetos

DE

VINICIUS DE MORAES

LIVROS DE PORTUGAL ❖ RIO DE JANEIRO

1957

OBRA POÉTICA DE
VINICIUS DE MORAES

O CAMINHO PARA A DISTÂNCIA — 1933

FORMA E EXEGESE — 1935 (*Prêmio Felippe d'Oliveira*)

ARIANA, A MULHER — 1936

NOVOS POEMAS — 1938

CINCO ELEGIAS — 1943

POEMAS, SONETOS E BALADAS — 1946

PÁTRIA MINHA — 1949

CINQ ÉLÉGIES — (Tradução francesa de
Cinco Elegias, por Jean-Georges Rueff)
— 1953, Coleção "Autour du Monde",
ed. Pierre Seghers

ANTOLOGIA POÉTICA — 1954

ORFEU DA CONCEIÇÃO, *Tragédia Carioca*
(Edição de luxo, com ilustrações
de Carlos Scliar) — 1956

A sair :

CORDÉLIA E O PEREGRINO

TEMPO DE LILA

O GRANDE DESASTRE DO SIX-MOTOR
"LIONEL DE MARMIER"

POEMAS INFANTÍIS

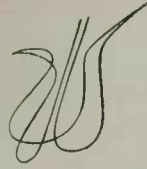
POESIAS COMPLETAS.

Em preparo :

ROTEIRO LÍRICO E SENTIMENTAL

DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

OS TRÊS REINOS DA MULHER AMADA



Poesia Sempre

Epitafio
450

Je ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

Livro de Sonetos



Livro de Sonetos

DE

VINICIUS DE MORAES

LIVROS DE PORTUGAL * RIO DE JANEIRO

1957

O SONETO NA POESIA DE VINICIUS DE MORAES

Tal é a cristalina condensação verbal a que conseguiram chegar os sonetos incluídos nesta Antologia, que o leitor que acaso desconhecesse a totalidade da obra poética de Vinicius de Moraes poderia ser tentado a classificá-lo naquela família poética, de que nos fala T. S. Eliot, dos poetas “clássicos”, por oposição aos “românticos”. Não se deve confundir, porém, essas duas famílias, ou “raças” de poetas, com as escolas literárias e de poesia com os mesmos nomes.

Estaríamos, então, diante de um caso, talvez, único na poesia brasileira: o de um poeta que consegue ser “romântico” em sua obra poética menos nos sonetos, em que é um “clássico”? Talvez, seja esse o caso de alguns sonetos, de absoluta contenção verbal, de Augusto Frederico Schmidt, ou de Jorge de Lima; não me parece porém o caso de Vinicius de Moraes, pelas razões que pretendo, a seguir, arrolar.

Em primeiro lugar, porque justamente a Poesia e a Poética de Vinicius de Moraes são um caso típico de fidelidade e coerência poética talvez "sui generis" na poesia brasileira. Desde o seu aparecimento, com o livro "O Caminho para a Distância", em 1933, simples poemas dos dezenove anos, até às últimas publicações, ou até o soneto lido pelo Corifeu, em "Orfeu da Conceição", há uma linha de fidelidade a si mesmo e à sua própria estilística poética que apenas tende, por se achar o poeta em plena maturidade criadora, a se aperfeiçoar cada vez mais, e como corda estendida, a retesar-se.

Vinicius de Moraes já surgiu como um poeta moderno, pela estilística e estrutura de sua poesia, sem, contudo, jamais ter sido um modernista. Apareceu numa época em que o Modernismo tinha superado a sua primeira fase, mais destrutiva e negativa do que construtiva e, propriamente, criadora: a que já se denominou de Descoberta ou Ciclo da Terra. Estava-se em plena fase da Redescoberta da Pessoa e do Espírito, desde o aparecimento de Murilo Mendes, Carlos Drummond de Andrade, Emílio Moura e da ruptura total com o período anterior, realizada, declarada e acintosamente, por Augusto Frederico Schmidt, com sua denúncia da poesia do pitoresco geográfico, social ou histórico.

Como Augusto Frederico Schmidt, que o antecederia, ele começou também pela volta da poesia ao sublime, que é a marca indiscutível do temperamento e da própria alma brasileira.

Filiando-se, indiretamente, ao movimento de "Restauração da Poesia em Cristo", operado, entre nós, por Murilo Mendes e Jorge de Lima, a partir de "Tempo e Eter-

nidade”, êle conseguia no entanto permanecer fiel a si mesmo e ao “élan” e estilo inicial de sua poesia, onde sempre predominaram os temas do amor-paixão e as metáforas telúricas e cósmicas de um poeta sempre à procura de visão unitária do universo.

Clarificavam-se apenas os seus caminhos quando, à poesia ainda titubeante e deslumbrada pela vida dos dezanove anos, sucedeu o livro dos 22, “Forma e Exegese”, onde filtrava, sempre à maneira do poeta que tudo transfigura a seu modo, as leituras de Rimbaud, Dostoiewski, Gide, Ibsen, Péguy, e outros.

Havia nessa primeira fase uma visão do mundo inspirada em parte no misticismo cristão, fase essa que se encerrou com “Ariana, a Mulher”, livro de 1936. Contudo, já vinha desde então demasiadamente carregada de cosmicidade e fôrça telúrica, para não se adivinhar logo nela uma ganga bastante endurecida de misticismo panteísta.

Não resistiria a mais profunda concretização ou à humanização mais íntima a sua visão paradisíaca, reatualização apenas de sua infância de poeta, tão lendária, telúrica e “marinha” como a sua meninice de ilhota, cheia de mar, de pescarias míticas e da alma simples e aventureira dos pescadores da Guanabara, que haviam povoado sempre o seu mundo de criança.

Na verdade, a sua visão cristã e evangélica do universo, que a partir de “Ariana, a Mulher”, ia ser de todo abandonada, pela encarnação última e definitiva do Paraíso nesta terra — tão concretizada que se materializaria de todo — teria sido apenas uma nova etapa: a daquela descoberta fundamental de que nos fala São João Evange-

lista, numa de suas epístolas: “Se não amarmos ao próximo que vemos, como amaremos a Deus, que não vemos?!”

Foi essa, talvez, a única ruptura na linha de fidelidade do poeta a si mesmo. Na verdade, êle se encontrava numa encruzilhada: um dos caminhos conduziria, certamente, a uma verdadeira vivência mística de poesia, pelo aprofundamento de sua visão espiritualista e cristã do universo; o outro, o das metáforas telúricas e panteísticas, à solidez dos pés fincados na terra.

Dessa nova linha diretiva surgem, em 1938, os seus “Novos Poemas”, em que a visão de Deus, se ainda existe é para se revelar logo diluída pela da mulher e do amor-paixão. Começava o poeta a se afastar, gradativamente, daquele aristocratismo inicial e visionário e do mundo mítico das metáforas marinhas da sua infância, para lucrar em dinamismo expressivo, embora indo abeberar-se em outras fontes de influência popular, a sua sintaxe poética. Não era porém uma deserção; muito pelo contrário, significava outro progresso de sua estilística poética que, se, outrora, exprimia o mundo popular e mítico-marítimo de sua meninice, com metáforas telúricas e cósmicas de um aristocratismo poético, fortemente influenciado pelo paralelismo bíblico e, direta ou indiretamente, pelo estilo e poesia de Péguy? se isso se verificava então, — agora o poeta passa a exprimir o mundo, não menos mítico de sua poética de aguçadas antenas populares, com sintaxe poética mais clarivamente popular.

Também a respeito do tema amor-paixão, a mesma linha de coerência e de retesamento da corda no estilo poético se pode constatar.

Assim, há no ensaio que publicou sobre Augusto Frederico Schmidt e Vinicius de Moraes, com o título "Dois Poetas", o romancista Octavio de Faria, uma constatação que Manuel Bandeira perfilha a respeito do nosso poeta, em sua "Apresentação da Poesia Brasileira". Dizia Octavio que o grande drama do poeta de "O Caminho para a Distância" e "Forma e Exegese", em face da mulher, era a eterna luta entre a carne e o espírito, em Vinicius de Moraes tipicamente caracterizada como a luta entre "a impossível pureza" e a "impureza inaceitável". Pois bem: há ainda hoje, ainda nos seus últimos poemas, senão uma reprodução que Péguy chamaria de "naturalmente cristã", dessa luta, pelo menos, uma profunda e nem sempre muito bem velada nostalgia desse drama antigo, mesmo nos poemas mais realisticamente crus e sensuais dos últimos tempos. Nisso progrediu virilmente a sua poesia, ao perder aquela espécie de alubrimento adolescente na mesma descoberta de Eva que Adão realizou no Paraíso, segundo a teologia católica, sob a ação dos dons preternaturais, ou ainda em estado de graça (por mais que se malicie, grosseiramente, tal revelação da Mulher, obra-prima da Criação), mas que todos nós efetuamos quase sempre mergulhados no pecado. Porisso, em certos instantes do coito, ainda o mais pecaminoso, há muitas vezes uma aura de poesia, a lembrar aquela que outrora, na fase de "Forma e Exegese" se via subjacente, ou reveladamente, em muitas metáforas do poeta primitivo.

Pode-se aqui ou acolá, discordar dos seus caminhos, mas, só um sectarismo embrutecido poderia negar que ainda mesmo no aprofundamento do sentimento social primitivo de sua poesia houve um progresso. De certo, algu-

mas vêzes, um ou outro verso poderá nos dar a impressão de poesia de propaganda, quando se pretende apenas participante; mas também a poesia da primeira fase, quantas vêzes, por mais imperfeitos serem os meios de expressão e figuração poética do seu mundo particular — o poeta não incindiou nos mesmos tropeços e falhas? Resta-nos o conhecimento do poeta e a certeza de que é bastante sincero e lúcido, em sua linha de fidelidade crescente a si mesmo e à sua poesia, para temermos que, por princípio, venha a descambar no abismo de uma poesia meramente apoloética.

Os poetas, certamente, terão a sua parte na luta pela redenção dêste mundo — fundamentalmente, porém, como poetas. E não acredito apenas que sua salvação venha a ser, um dia, obra dos poetas e da poesia; creio, firmemente, que nenhuma semente de redenção social, ou política, jamais fecunde se não encontrar o coração humano arado e umidecido pela poesia. Todo poeta verdadeiramente a caminho da plenitude de sua mensagem de poesia, deve ser conscientemente participante, mas, seria excusado adiantar: participante pela poesia. Nisso também consiste, e não apenas por ser Canto, a perene atualidade da Poesia.

O poeta é um libertador e restaurador não somente dos idiomas, mas, sobretudo, do destino de cada povo. A êsse respeito todos os grandes poetas, ainda que por cima dos muros de cada uma de suas concepções da Cidade dos Homens, todos êles se encontram.

E assim vemos, um dos representantes mais típicos da literatura católica de participação, Georges Bernanos, em seu livro póstumo “Le Crépuscule des Vieux”, dizer da

poesia: “Evidentemente não está em seu poder redimir os povos que pretendem a sua morte, mas falar pacientemente ao coração humano, e despertar em cada homem essa virtude própria, incomunicável, essa coragem essencial que constitui a dignidade da pessoa humana. Ela é para cada homem êsse banho de luz e de liberdade que revela a alguns de seus privilegiados os grandes espaços ainda virgens. É a solidão no meio da Cidade, a evasão entre as paredes da prisão e a porta aberta para o futuro. Nenhum doutrinário poderia dizer, antes da hora, que renascença surgirá do cáos; mas antes que os pensadores a reconheçam e definam, os poetas a terão cantado...” “O que pedimos hoje ao poeta não é nos propor modelos segundo os quais devemos refletir e solucionar as nossas dúvidas; mas é reconciliar-nos conosco mesmos, associar a sua arte às nossas decepções, a nossas desgraças, nossas revoltas, nossas esperanças. Que êle cante e antes de nos convencer, persuáda-nos.”

Por sua vez, Pablo Neruda, falando há pouco, no Rio, de suas “Odas Elementales”, dizia que elas “buscam ensinar, o que é um papel importante da poesia, que, por orgulho, os poetas parecem ter esquecido. Segundo êste conceito, a poesia deve ensinar ao homem. Uma lição que deve ser sempre a da superação. Estas palavras — o bem, a verdade, a beleza — foram ridicularizadas por uma literatura maldita, tenebrosa, mas, na verdade, elas são indelutáveis, são herança do humanismo universal.”

Tôdas essas considerações dizem respeito intimamente, à perfeita compreensão da mensagem do poeta que temos diante de nós, nesta Antologia de Sonetos, diante dos olhos. Os seus sonetos, apesar dessa aparência de cristalização que

os tornam, à primeira vista “clássicos”, e em oposição a seus demais poemas, — “românticos” — têm sido sempre subordinados à mesma linha de fidelidade do poeta a si mesmo.

Verdade é que nem em todos os livros de sua obra poética encontramos sonetos. Lá está em “O Caminho para a Distância”, o soneto de adolescência “Revolta”, de uma inspiração moralista que lembra Raimundo Corrêa e a êle mesmo ou à sua influência poética se filiaría, não fôsse aquêlê verso tão profundamente anti-Raimundo Corrêa: “O mundo é bom. O espaço é muito triste...”

No entanto, já vem outro soneto do mesmo livro, “Solidão”, tão pessoal e diferente de tudo o que se fizera até então, que é bem um prenúncio da poesia clarividente e de melhor fase das “Cinco Elegias”.

“Judeu-Errante” é a retomada de velho e muito batido tema dos sonetistas brasileiros, mas com três ou quatro versos que bem valeram a pena a sua publicação.

Sobrevém então a grande fase da poesia do sublime, com “Forma e Exegese” (1935) e “Ariana, a Mulher”, em que as grandes metáforas cósmicas e telúricas de uma poesia, ao mesmo tempo — pretendendo-se formalmente de inspiração no paralelismo bíblico e na estilística de Charles Péguy — não deixam vez para o poema mais condensado, o gênero po rexcelência da contensão verbal: o soneto. Mas, em “Novos Poemas”, livro de 1938, êle voltará. Bucólico e límpido com “Soneto de Intimidade”; sob evocação da eterna Mulher, o soneto à “branca e pequenina lua”; com o lúbrico “Soneto de Agosto”; sem no entanto ser “à maneira de” no “Soneto de Katherine Mansfield”; e com o

“Sonêto de Contrição”, início de tôda uma bela série de sonetos de uma classicidade poucas vêzes encontrada na poesia moderna brasileira. Sonetos êsses que, algumas vêzes, fazem lembrar os chamados “camonianos” da poesia brasileira, que não passam, no mais das vêzes, de simples plágios, pastiches, ou exercícios de virtuosidade poética e que não deveriam merecer mais atenção que essa: dos curiosos de tais virtuosismos. Desde Gregório de Matos, Vicente de Carvalho, José Albano, até Guilherme de Almeida, aí estão êles a nos fazer dizer como certo grego ou romano, de que nos fala Múcio Leão, que, convidado a ouvir um homem que imitava com perfeição o rouxinol, recusou o convite, dizendo: — “Pára que? Eu já ouvi o rouxinol...”

A beleza e a importância dêsses sonetos de Vinicius de Moraes, consistem precisamente em que, sendo clássicos e, muitas vêzes, quase à maneira antiga, no entanto por seu estilo, ou pelo novo espírito subjacente à sua poética, nada têm a ver com aquela espécie de plágios ou pastiches da chamada “Camoniana Brasileira”. Como nada tem a ver aquêlo belo sonêto de Augusto Frederico Schmidt: “O desespêro de perder-te um dia”.

No “Sonêto de Carta e Mensagem”, de nova a Mulher, quase o tema exclusivo dos seus sonetos, — pelo que toca mais de perto à classicidade do sonêto primitivo, a cançoneta do “doce e galhardo amor”, que passou de Dietaiuti e Davanzati a Guido, Dante e Petrarca: “Al cor gentile ripara sempre Amore...”

Segue-se o “Sonêto de Devoção”, tão oposto na impureza do amor carnal ao amor-espírito de “Sonêto de Inspiração”.

E logo após, o primeiro e verdadeiramente grande livro desse gênero, "Poemas, Sonetos e Baladas", de 1946. Inicia-o o belo "Soneto de fidelidade"; seguem-lhe o de Carnaval, os 4 de meditação, "Barcarola", setissílabo, "Lápide de Sinhazinha Ferreira", de cinco sílabas, o decassílabo "Soneto de Despedida", o da madrugada, o do maior amor, o epitáfio do sol, o soneto de Londres, o pequeno "Allegro", o decassílabo "Soneto de Véspera", "Soneto a Octavio de Faria", "O escândalo da Rosa", ao inverno e de quarta-feira de cinzas. E em sua "Antologia Poética", datada de 1949, lá estão outros, cada vez mais belos; o "Soneto de Separação", gravado em disco "Festa", com outros poemas, "Soneto do Só", "A Pêra" e "Poética", dos menores de sua obra em sílabas e maiores em importância para a sua compreensão.

Acrescentou o poeta a todos êles e ao soneto dito pelo Corifeu em sua peça "Orfeu da Conceição", outros, inéditos, e não menos belos, dos quais se pode deprender que Vinicius de Moraes não é apenas um poeta em plena maturidade, mas em ascensão da estilística e da inspiração poética.

Aos poucos, com o crescimento de sua obra poética, é que se vai percebendo melhor como cresce nela também, em beleza formal e em nova cristalização, o condensado e porisso mesmo difícil gênero poético. Tudo aquilo que êle soube dar, admiravelmente bem e felicíssimo, às suas elegias, aos seus poemas, aos pequenos "estudos", gênero poético particular que já assinalámos certa vez como de invenção de Ismael Nery; tudo o que soube ir buscar no soneto clássico, ou na ode, ou elegia antiga e a êles adaptar a moderna formalidade de sua poesia.

Na verdade, embora tendo surgido ainda em plena fase de verdadeira e injustificada idiossincrasia pelo soneto, contudo, Vinicius de Moraes não hesitou um só instante em admitir esse belo gênero poético. Para melhor se compreender, por assim dizer, a ousadia de sua atitude, basta lembrar aqui o rumor bastante sensacionalista que provocou em 1950, em São Paulo, conferência proferida por Jorge de Lima, no Clube de Poesia de lá. Oswald de Andrade que também vivia então, após a conferência do poeta de "Invenção de Orfeu", pediu a palavra e assumiu as dôres dos poetas modernistas, assacando contra a utilização do soneto o mesmo arrazoado demolidor e tólo da Semana de Arte Moderna de 1922. O que disse de menos inofensivo contra os defensores do gênero clássico foi pretenderem aprisionar a poesia "em gaiola de ouro"!...

No entanto, mesmo entre os defensores momentâneos do gênero, a nenhum deles ocorreu que se faziam sonetos, clássicos e dos mais belos da língua porutguêsa, desde a ruptura dos poetas modernos com o movimento modernista, superando-o para sempre; como, entre outros, e com maior felicidade, faziam-nos Augusto Frederico Schmidt e Vinicius de Moraes.

LUIZ SANTA CRUZ

ÁRIA PARA O ASSOVIO

*Inelutavelmente tu
Rosa sôbre o passeio
Branca! e a melancolia
Na tarde do seio.*

*As cássias escorrem
Seu ouro a teus pés
Conheço o sonêto
Porém tu quem és?*

*O madrigal se escreve :
Se é do teu costume
Deixa que eu te leve.*

*(Sê... mínima e breve
A música do perfume
Não guarda ciúme).*

SONETO DE INTIMIDADE

*Nas tardes da fazenda há muito azul de mais.
Eu saio às vêzes, sigo pelo pasto, agora
Mastigando um capim, o peito nu de fora
No pijama irreal de há três anos atrás.*

*Desço o rio no vau dos pequenos canais
Para ir beber na fonte a água fria e sonora
E se encontro no mato o rubro de uma amora
Vou cuspendo-lhe o sangue em tórno dos currais.*

*Fico ali respirando o cheiro bom do estrume
Entre as vacas e os bois que me olham sem ciúme
E quando por acaso uma mijada ferve*

*Seguida de um olhar não sem malícia e verve
Nós todos, animais, sem comoção nenhuma
Mijamos em comum numa festa de espuma.*

SONETO À LUA

*Por que tens, por que tens olhos escuros
E mãos lânguidas, loucas, e sem fim
Quem és, que és tu, não eu, e estás em mim
Impuro, como o bem que está nos puros?*

*Que paixão fêz-te os lábios tão maduros
Num rosto como o teu criança assim
Quem te criou tão boa para o ruim
E tão fatal para os meus versos duros?*

*Fugaz, com que direito tens-me prêsa
A alma, que por ti soluça nua
E não és Tatiana e nem Teresa :*

*E és tão pouco a mulher que anda na rua
Vagabunda, patética e indefesa
Ó minha branca e pequenina lua !*

SONETO DE AGÔSTO

*Tu me levaste, eu fui... Na treva, ousados
Amamos, vagamente surpreendidos
Pelo ardor com que estávamos unidos
Nós que andávamos sempre separados.*

*Espantei-me, confesso-te, dos brados
Com que enchi teus patéticos ouvidos
E achei rude o calor dos teus gemidos
Eu que sempre os julgara desolados.*

*Só assim arrancara a linha inútil
Da tua eterna túnica inconsútil...
E para glória do teu ser mais franco*

*Quisera que te vissem, como eu via
Depois, à luz da lâmpada macia
O púbis negro sôbre o corpo branco.*

SONETO A KATHERINE MANSFIELD

*O teu perfume, amada! — em tua cartas
Renasce, azul... — são tuas mãos sentidas!
Relembro-as brancas, leves, fenecidas
Pendendo ao longo de corolas fartas.*

*Relembro-as, vou... — nas terras percorridas
Torno a aspirá-lo, aqui e ali desperto
Paro; e tão perto sinto-te, tão perto
Como se numa foram duas vidas.*

*Pranto, tão pouca dor! tanto quisera
Tanto rever-te, tanto!... e a primavera
Vem já tão próxima!... (Nunca te apartas*

*Primavera, dos sonhos e das preces!)
E no perfume prêso em tuas cartas
À primavera surges e esvaneces.*

SONETO DE CONTRIÇÃO

*Eu te amo, Maria, te amo tanto
Que o meu peito me dói como em doença
E quanto mais me seja a dor intensa
Mais cresce na minha alma teu encanto.*

*Como a criança que vagueia o canto
Ante o mistério da amplidão suspensa
Meu coração é um vago de acalanto
Berçando versos de saudade imensa.*

*Não é maior o coração que a alma
Nem melhor a presença que a saudade
Só te amar é divino, e sentir calma...*

*E é uma calma tão feita de humildade
Que tão mais te soubesse pertencida
Menos seria eterno em tua vida.*

SONETO DE DEVOÇÃO

*Essa mulher que se arremessa, fria
E lúbrica aos meus braços, e nos seios
Me arrebatava e me beija e balbucia
Versos, votos de amor e nomes feios*

*Essa mulher, flor de melancolia
Que se ri dos meus pálidos receios
A única entre tôdas a quem dei
Os carinhos que nunca a outra daria*

*Essa mulher que a cada amor proclama
A miséria e a grandeza de quem ama
E guarda a marca dos meus dentes nela*

*Essa mulher é um mundo! — uma cadela
Talvez... — mas na moldura de uma cama
Nunca mulher nenhuma foi tão bela!*

SONETO DE FIDELIDADE



*De tudo, ao meu amor serei atento
Antes, e com tal zélo, e sempre, e tanto
Que mesmo em face do maior encanto
Dêle se encante mais meu pensamento.*

*Quero vivê-lo em cada vão momento
E em seu louvor hei de espalhar meu canto
E rir meu riso e derramar meu pranto
Ao seu pesar ou seu contentamento.*

*E assim, quando mais tarde me procure
Quem sabe a morte, angústia de quem vive
Quem sabe a solidão, fim de quem ama*

*Eu possa me dizer do amor (que tive):
Que não seja imortal pôsto que é chama
Mas que seja infinito enquanto dure.*

QUATRO SONETOS DE MEDITAÇÃO

I

*Mas o instante passou. A carne nova
Sente a primeira fibra enrijecer
E o seu sonho infinito de morrer
Passa a caber no bérço de uma cova.*

*Outra carne virá. A primavera
É carne, o amor é seiva eterna e forte
Quando o ser que viveu unir-se à morte
No mundo uma criança nascerá.*

*Importará jamais porque? Adiante
O poema é translúcido, e distante
A palavra que vem do pensamento*

*Sem saudade. Não ter contentamento.
Ser simples como o grão de poesia
E íntimo como a melancolia.*

II

*Uma mulher me ama. Se eu me fôsse
Talvez ela sentisse o desalento
Da árvore jovem que não ouve o vento
Inconstante e fiel, tardio e doce*

*Na sua tarde em flor. Uma mulher
Me ama como a chama ama o silêncio
E o seu amor vitorioso vence
O desejo da morte que me quer.*

*Uma mulher me ama. Quando o escuro
Do crepúsculo mórbido e maduro
Me leva a face ao gênio dos espelhos*

*E eu, moço, busco em vão meu olhos velhos
Vindos de ver a morte em mim divina :
Uma mulher me ama e me ilumina.*

III

*O efêmero. Ora, um pássaro no vale
Cantou por um momento, outrora, mas
O vale escuta ainda envolto em paz
Para que a voz do pássaro não cale.*

*E uma fonte futura, hoje primária
No seio da montanha, irromperá
Fatal, da pedra ardente, e levará
À voz a melodia necessária.*

*O efêmero. E mais tarde, quando antigas
Se fizerem as flôres, e as cantigas
A uma nova emoção morrerem, cedo*

*Quem conhecer o vale e o seu segredo
Nem sequer pensará na fonte, a sós...
Porém o vale há de escutar a voz.*

IV

*Apavorado acordo, em treva. O luar
É como o espectro do meu sonho em mim
E sem destino, e louco, sou o mar
Patético, sonâmbulo e sem fim.*

*Desço na noite, envolto em sono; e os braços
Como imãs, atraio o firmamento
Enquanto os bruxos, velhos e devassos
Assoviam de mim na voz do vento.*

*Sou o mar ! sou o mar ! meu corpo informe
Sem dimensão e sem razão me leva
Para o silêncio onde o Silêncio dorme*

*Enorme. E como o mar dentro da treva
Num constante arremêso largo e aflito
Eu me espedaço em vão contra o infinito.*

SONETO DE DESPEDIDA

*Uma lua no céu apareceu
Cheia e branca ; foi quando, emocionada
A mulher a meu lado estremeceu
E se entregou sem que eu dissesse nada .*

*Larguei-as pela jovem madrugada
Ambas cheias e brancas e sem véu
Perdida uma, a outra abandonada
Uma nua na terra, outra no céu .*

*Mas não partira delas ; a mais louca
Apaixonou-me o pensamento ; dei-o
Feliz — eu de amor pouco e vida pouca*

*Mas que tinha deixado em meu enleio
Um sorriso de carne em sua boca
Uma gota de leite no seu seio.*

SONÊTO DE LONDRES

*Que angústia estar sòzinho na tristeza
E na prece ! que angústia estar sòzinho
Imensamente, na inocência ! acesa
A noite, em brancas trevas o caminho*

*Da vida, e a solidão do borborinho
Unindo as almas frias à beleza
Da neve vã; oh, tristemente assim
O sonho, neve pela natureza !*

*Irremediável, muito irremediável
Tanto como essa torre medieval
Cruel, pura, insensível, inefável*

*Torre ; que angústia estar sozinho ! ó alma
Que ideal perfume, que fatal
Torpor te despetala a flor do céu ?*

SONETO DO MAIOR AMOR

*Maior amor nem mais estranho existe
Que o meu, que não sossega a coisa amada
E quando a sente alegre, fica triste
E se a vê descontente, dá risada.*

*E que só fica em paz se lhe resiste
O amado coração, e que se agrada
Mais da eterna aventura em que persiste
Que de uma vida mal-aventurada.*

*Louco amor meu que quando toca, fere
E quando fere, vibra, mas prefere
Ferir a fenecer — e vive a esmo*

*Fiel à sua lei de cada instante
Desassombrado, doido e delirante
Numa paixão de tudo e de si mesmo.*

EPITÁFIO

*Aqui jaz o Sol
Que criou a aurora
E deu luz ao dia
E apascentou a tarde.*

*O mágico pastor
De mãos luminosas
Que fecundou as rosas
E as despetalou.*

*Aqui jaz o Sol
O andrógino meigo
E violento, que*

*Possuiu a forma
De tôdas as mulheres
E morreu no mar.*

ALLEGRO

*Sente como vibra
Doidamente em nós
Um vento feroz
Estorcendo a fibra*

*Dos caules injformes
E as plantas carnívoras
De bôcas enormes
Lutam contra as víboras*

*E os rios soturnos
Ouve como vazam
A água corrompida*

*E as sombras se casam
Nos raios noturnos
Da lua perdida.*

SONETO DE VÉSPERA



*Quando chegares e eu te vir chorando
De tanto te esperar, que te direi?
E da angústia de amar-te, te esperando
Reencontrada, como te amarei?*

*Que beijo teu de lágrimas terei
Para esquecer o que vivi lembrando
E que farei da antiga mágoa quando
Não puder te dizer porque chorei?*

*Como ocultar a sombra em mim suspensa
Pelo martírio da memória imensa
Que a distância criou — fria de vida*

*Imagem tua que eu compus serena
Atenta ao meu apêlo e à minha pena
E que quisera nunca mais perdida...*

SONETO A OCTAVIO DE FARIA

*Não te vira cantar sem voz, chorar
Sem lágrimas, e lágrimas e estrélas
Desencantar, e mudo recolhê-las
Para lançá-las fulgurando ao mar ?*

*Não te vira no bôjo secular
Das praias, desmaiar de éxtase nelas
Ao cansaço viril de percorrê-las
Entre os negros abismos do luar ?*

*Não te vira ferir o indiferente
Para lavar os olhos da impostura
De uma vida que cala e que consente?*

*Vira-te tudo, amigo! coisa pura
Arrancada da carne intransigente
Pelo trágico amor da criatura.*

O ESCÂNDALO DA ROSA

*Oh rosa que raivosa
Assim carmesim
Quem te fêz zelosa
O carne tão ruim?*

*Que anjo ou que pássaro
Roubou tua côr
Que ventos passaram
Sôbre o teu pudor*

*Coisa milagrosa
De rosa de mate
De bom para mim*

*Rosa glamourosa ?
Oh rosa que escarlate :
No mesmo jardim !*

SONETO AO INVERNO

*Inverno, doce inverno das manhãs
Translúcidas, tardias e distantes
Propício ao sentimento das irmãs
E ao mistério da carne das amantes*

*Quem és, que transfiguras as maçãs
Em iluminações dessemelhantes
E enlouqueces as rosas temporãs
Rosa dos ventos, rosa dos instantes?*

*Porque rufaste as tremulantes asas
Alma do céu? o amor das coisas várias
Fêz-te migrar — inverno sôbre casas!*

*Ó anjo tutelar das luminárias
Preservador de santas e de estrélas...
Que importa a noite lúgubre escondé-las?*

SONETO DE QUARTA-FEIRA DE CINZAS

*Por seres quem me fôste, grave e pura
Em tão doce surprêsa conquistada
Por seres uma branca criatura
De uma brancura de manhã raiada*

*Por seres de uma rara formosura
Mau grado a vida dura e atormentada
Por seres mais que a simples aventura
E menos que a constante namorada*

*Porque te vi nascer, de mim sòzinha
Como a noturna flor desabrochada
A uma fala de amor, talvez perjura*

*Por não te possuir, tendo-te minha
Por só querereres tudo, e eu dar-te nada
Hei de lembrar-te sempre com ternura.*

SONETO DE SEPARAÇÃO

*De repente do riso fêz-se o pranto
Silencioso e branco como a bruma
E das bôcas unidas fêz-se a espuma
E das mãos espalmadas fêz-se o espanto.*

*De repente da calma fêz-se o vento
Que dos olhos desfez a última chama
E da paixão fêz-se o pressentimento
E do momento imóvel fêz-se o drama.*

*De repente, não mais que de repente
Fêz-se de triste o que se fêz amante
E de sòzinho o que se fêz contente*

*Fêz-se do amigo próximo o distante
Fêz-se da vida uma aventura errante
De repente, não mais que de repente.*

SONETO DE CARNAVAL

*Distante o meu amor, se me afigura
O amor como um patético tormento
Pensar nêle é morrer de desventura
Não pensar é matar meu pensamento.*

*Seu mais doce desejo se amargura
Todo o instante perdido é um sofrimento
Cada beijo lembrado uma tortura
Um ciúme do próprio ciumento.*

*E vivemos partindo, ela de mim
E eu dela, enquanto breves vão-se os anos
Para a grande partida que há no fim*

*De tôda a vida e todo o amor humanos :
Mas tranqüila ela sabe, e eu sei tranqüilo
Que se um fica o outro parte a reuni-lo.*

SONETO DA ROSA

*Mais um ano na estrada percorrida
Vem, como o astro matinal, que a adora
Molhar de puras lágrimas de aurora
A morna rosa escura e apetecida.*

*E da fragrante tepidez sonora
No recesso, como ávida ferida
Guardar o plasma múltiplo da vida
Que a faz materna e plácida, e agora*

*Rosa geral de sonho e plenitude
Transforma em novas rosas de beleza
Em novas rosas de carnal virtude*

*Para que o sonho viva da certeza
Para que o tempo da paixão não mude
Para que se una o verbo à natureza.*

SONETO DA MULHER INÚTIL

*De tanta graça e de leveza tanta
Que quando sôbre mim, como a teu jeito
Eu tão de leve sinto-te no peito
Que o meu próprio suspiro te levanta.*

*Tu, contra quem me esbato liquefeito
Rocha branca! brancura que me espanta
Branços seios azuis, nívea garganta
Branco pássaro fiel com que me deito.*

*Mulher inútil, quando nas noturnas
Celebrações, náufrago em teus delirios
Tenho-te tôda, branca, envolta em brumas*

*São teus seios tão tristes como urnas
São teus braços tão frios como lírios
É teu corpo tão leve como plumas.*

BILHETE A BAUDELAIRE

*Poeta, um pouco à tua maneira
E para distrair o spleen
Que estou sentindo vir a mim
Em sua ronda costumeira*

*Folheando-te, reencontra a rara
Delícia de me deparar
Com tua sordidez preclara
Na velha foto de Carjat*

*Que não revia desde o tempo
Em que te lia e te relia
A ti, a Verlaine, a Rimbaud...*

*Como passou depressa o tempo
Como mudou a poesia
Como teu rosto não mudou!*

SONETO DE SÓ
OU
PARÁBOLA DE MÁLTE LAURIDS BRIGGE

*Depois foi só. O amor era mais nada
Sentiu-se pobre e triste como Job
Um cão veio lambe-lhe a mão na estrada
Espantado parou. Depois foi só.*

*Depois veio a poesia ensimesmada
Em espelhos. Sofreu de fazer dó
Viu a face do Cristo ensagüentada
Da sua, imagem — e orou. Depois foi só.*

*Depois veio o verão e veio o medo
Desceu de seu castelo até o rochedo
Sóbre a noite e do mar lhe veio a voz*

*A anunciar os anjos sanguinários...
Depois cerrou os olhos solitários
E só então foi totalmente a sós.*

A PÊRA

*Como de cêra
E por acaso
Fria no vaso
A entardecer*

*A pêra é um pomo
Em holocausto
À vida, como
Um seio exausto*

*Entre bananas
Supervenientes
E maçãs lhanas*

*Rubras, contentes
A pobre pêra :
Quem manda ser a ?*

SONETO A SERGEI
MAKHAILOVITCH EISENSTEIN

*Pelas auroras imobilizadas
No instante anterior ; pelos gerais
Milagres da matéria ; pela paz
Da matéria ; pelas transfiguradas*

*Faces da História ; pelo conteúdo
Da História e em nome de seus grandes idos
Pela correspondência dos sentidos
Pela vida a pulsar dentro de tudo*

*Pelas nuvens errantes ; pelos montes
Pelos inatingíveis horizontes
Pelos sons ; pelas côres ; pela voz*

*Humana ; pelo Velho e pelo Novo
Pelo misterioso amor do povo
Spasibo, tovarishch. Khorosho.*

SONETO DE ANIVERSÁRIO

*Passem-se dias, horas, meses, anos
Amadureçam as ilusões da vida
Prossiga ela sempre dividida
Entre compensações e desenganos*

*Faça-se a carne mais envilecida
Diminuem os bens, cresçam os danos
Vença o ideal de andar caminhos planos
Melhor que levar tudo de vencida*

*Queira-se antes ventura que aventura
À medida que a t mpora embranquece
E fica tenra a fibra que era dura*

*E eu te direi : amiga minha, esquece...
Que grande   êste amor meu de criatura
Que v  envelhecer e não envelhece.*

POÉTICA

*De manhã escureço
De dia tardo
De tarde anoiteço
De noite ardo.*

*A oeste a morte
Contra quem vivo
Do sul cativo
O este é meu norte.*

*Outros que contem
Passo por passo :
Eu morro ontem*

*Nasço amanhã
Ando onde há espaço
— Meu tempo é quando.*

PÔR-DO-SOL EM ITATIAIA

*Nascentes efêmeras
Em clareiras súbitas
Entre as luzes tardas
Do imenso crepúsculo.*

*Negros megalitos
Em doce decúbito
Sob o péso fragil
Da pálida abóbada.*

*Calmo, subjacente
O vale infinito
A estender-se múltiplo*

*Inventando espaços
Dilatando a angústia
Criando o silêncio...*

SONETO DO AMOR TOTAL



7.9.56

*Amo-te tanto, meu amor... não cante
O humano coração com mais verdade...
Amo-te como amigo e como amante
Numa sempre diversa realidade.*

*Amo-te afim, de um calmo amor prestante
E te amo além, presente na saudade
Amo-te, enfim, com grande liberdade
Dentro da eternidade e a cada instante.*

*Amo-te como um bicho, simplesmente
De um amor sem mistério e sem virtude
Com um desejo maciço e permanente.*

*E de te amar assim, muito e amiúde
É que um dia em teu corpo, de repente
Hei de morrer de amar mais do que pude.*

MÁSCARA MORTUÁRIA
DE GRACILIANO RAMOS

*Feito só, sua máscara paterna
Sua máscara tósca, de acridoce,
Feição, sua máscara austerizou-se
Numa preclara decisão eterna.*

*Feito só, feito pó, desencantou-se
Néle o íntimo arcanjo, a chama interna
Da paixão em que sempre se queimou
Seu duro corpo que ora longe inverna.*

*Feito pó, feito pólem, feito fibra
Feito pedra, feito o que é morto e vibra
Sua máscara enxuta de homem forte*

*Isto revela em seu silêncio à escuta :
Numa severa afirmação da luta
Uma impassível negação da morte.*

SONETO DE MAIORIDADE

*O sol, que pelas ruas da cidade
Revela as marcas do viver humano
Sôbre teu belo rosto soberano
Espalha apenas pura claridade.*

*Nascestes para o sol; és mocidade
Em plena floração, fruto sem dano
Rosa que enflorou, ano por ano
Para uma esplêndida maioridade.*

*Ao sol, que é pai do tempo, e nunca mente
Hoje se eleva a minha prece ardente :
Não permita êle nunca que se afoite*

*A vida em ti, que é sumo de alegria
De maneira que tarde muito a noite
Sôbre a manhã radiosa do teu dia.*

SONETO DO CORIFEU

*São demais os perigos desta vida
Para quem tem paixão, principalmente
Quando uma lua chega de repente
E se deixa no céu, como esquecida.*

*E se ao luar que atua desvairado
Vem se unir uma música qualquer
Aí então é preciso ter cuidado
Porque deve andar perto uma mulher.*

*Deve andar perto uma mulher que é feita
De música, luar e sentimento
E que a vida não quer, de tão perfeita.*

*Uma mulher que é como a própria lua:
Tão linda que só espalha sofrimento
Tão cheia de pudor que vive nua.*

(DA PEÇA: ORFEU DA CONCEIÇÃO).

ÍNDICE

| | |
|---|----|
| O Soneto na poesia de Vinicius de Moraes | 1 |
| Ária para o assovio | 7 |
| Soneto de intimidade | 9 |
| Soneto à Lua | 11 |
| Soneto de Agosto | 13 |
| Soneto a Katharine Mansfield | 15 |
| Soneto de contrição | 17 |
| Soneto de devoção | 19 |
| Soneto de fidelidade | 21 |
| Quatro sonetos de meditação | |
| I — <i>Mas o instante passou. A carne nova</i> | 23 |
| II — <i>Uma mulher me ama. Se eu me fôsse</i> | 25 |
| III — <i>O efêmero. Ora, um pássaro no vale</i> | 27 |
| IV — <i>Apavorado acordo, em treva. O luar</i> | 29 |
| Soneto de despedida | 31 |
| Soneto de Londres | 33 |
| Soneto do maior amor | 35 |
| Epitáfio | 37 |
| Allegro | 39 |

| | |
|--|----|
| Sonêto de véspera | 41 |
| Sonêto a Octavio de Faria | 43 |
| O escândalo da Rosa | 45 |
| Sonêto ao Inverno | 47 |
| Sonêto de quarta-feira de cinzas | 49 |
| Sonêto de separação | 51 |
| Sonêto de Carnaval | 53 |
| Sonêto da Rosa | 55 |
| Sonêto da mulher inútil | 57 |
| Bilhete a Baudelaire | 59 |
| Sonêto do só ou parábola de Malte Laurids Brigge.. | 61 |
| A pêra | 63 |
| Sonêto a Sergei Makhaïlovitch Eisenstein | 65 |
| Sonêto de aniversário | 67 |
| Poética | 69 |
| Pôr-do-Sol em Itatiaia | 71 |
| Sonêto do amor total | 73 |
| Máscara mortuária de Graciliano Ramos | 75 |
| Sonêto de maioridade | 77 |
| Sonêto do Corifeu | 79 |



ÊSTE LIVRO
QUARTO VOLUME DA COLEÇÃO
POESIA SEMPRE



FOI IMPRESSO NA GRÁFICA OLÍMPICA EDITORA
NO RIO DE JANEIRO
EM JANEIRO DE 1957
PARA A EDITORA
LIVROS DE PORTUGAL, S. A.
DA MESMA CIDADE



ESTUDO DE
LUIZ SANTA CRUZ
DESENHOS E RETRATO DE
CARLOS SCLIAR

COLEÇÃO
"POESIA SEMPRE"

Publicados

O DANÇADO DESTINO — Maria da Saúde Cortesão

MEMORIAL DO ERRANTE — Afonso Felix de Sousa

CANÇÕES — Cecília Meireles

LIVRO DE SONETOS — Vinicius de Moraes

No prelo

IMAGEM DO DIA — Campos de Figueiredo

JOGRAL CAÇURRO E OUTROS POEMAS
— Darcy Damasceno

NOVOS POEMAS — Joaquim Cardozo

SOBOLOS RIOS QUE VÃO — Luis de Camões
(*Edição crítica por Augusto Meyer*)

POEMAS — José Gomes Ferreira

A DIFÍCIL AURORA — Cassiano Ricardo

PÃO QUOTIDIANO — Oswaldino Marques

LIVRO DE SONETOS — Jorge de Lima
(*reedição*)

